

imediatamente após o final da guerra, enforcou-se no próprio instituto. Um de seus últimos escritos, já não mais publicados, encontrado em meio aos papéis que deixara, terminava com as seguintes palavras:

*Dois espíritos lutam pela alma do povo alemão, o espírito de Cristo e o espírito judeu. Se contemplamos nosso povo como ele é hoje, e sobretudo como se tornou nas últimas décadas, temos de reconhecer arrepiados que o espírito judeu conquistou já regiões terrivelmente vastas da alma alemã. Para a soberba perante os judeus, não temos hoje quase motivo ou direito algum, visto que tantos alemães sucumbiram inteiramente ao espírito judeu. Mas temos de tomar seu destino como lição, nele reconhecendo para onde conduzirá nosso caminho, se continuarmos a seguir apaticamente os passos de nossos aliciadores, em vez de nos pautarmos por nós mesmos e pelo destino que Deus nos reservou. Ao alemão confia-se hoje, acima de tudo, a preservação do espírito cristão. Trata-se de sua missão eterna. Se afastarmos Cristo de nós, como o fizeram os judeus, porque Ele quis ser seu rei, compartilharemos do destino dos judeus. Exaurir-se-á, então, a fonte viva de nossa existência e, de*

*dentro para fora, secará também nossa índole nacional.*

*A visão nacionalista de mundo há de auxiliar-nos a compreender nossa própria essência e a extirpar de nós o estranho. Se assumirmos essa visão de mundo, apartar-nos-emos do judeu eterno, convertendo-nos ao eterno alemão.*

Eu nunca soube ao certo o que realmente pensava esse espírito rigoroso, profundo, mítico, que ora zombava da frouxidão intelectual de seu tempo, ora tornava a invocar a máscula classificação, a clara distinção e inabalável ordenação hierárquica das coisas: que censurava nossa Universidade de Leipzig pela perda do instinto, de seu programa, caráter e tradição e, ao mesmo tempo, louvava sua elevada escola da coerência. Provavelmente, seu pensamento saíra dos trilhos, pois, se me lembro bem do amor com que esse homem falava dos índios da Terra do Fogo, o objeto de sua pesquisa, só posso crer que se tratava de um caráter profundamente cindido. Um fraco que envervou uniforme para não se diluir. Dele e de gente da mesma espécie é a culpa por nossa disciplina jamais ter se colocado novamente de pé depois da guerra. Ingleses, franceses e americanos por toda parte em que se olhasse. Queriam todos compensar, por um lado,